

GAZETA D'ANGEJA

(SEMANARIO)

CONDIÇÕES DA ASSIGNATURA

Anno 18500, 8 mezes 13000, 4 mezes 500, Brazil 33000 reis. — Numero avulso no proprio dia 20 reis. Passado o dia 40 reis.

Redactores — RICARDO M. NOGUEIRA SOUTO e A. LEÃO MARTINS

Administrador — SEBASTIÃO CORRÊA DA COSTA

ANNUNCIOS E COMMUNICADOS

Por linha, 40. Repetições, 20. — Os surs. assiguantes tem 25 por cento de abatimento. Redacção — Rua dos Caldeiros, n.º 250

ANGEJA, 2 DE NOVEMBRO DE 1887

SUMMARIO

Expediente.
Subscrição.
O porto de Lisboa.
Chicoteando.
Correspondencias.
Noticiario.

SCIENCIAS E LETTRAS

Tu e eu (poesia) —
Ballada (poesia) — *Silva Ferraz*.
Tu e eu (poesia) — *Daniel d'Abreu Junior*.
A Felicidade alheia (conto) — *Catulle Mendès*.
Um contratempo — *Luiz Alberto Couceiro*.
Emissario fiel (soneto) — *Vidal Oudinot*.
Maria (poesia).
Horas vagas — *Narciso d'Albuquerque*.

EXPEDIENTE

Pedimos a todos os nossos assignantes do concelho d'Aveiro a fides de enviarem a importancia da sua assignatura á rua do Espirito Santo, n.º 23, ao ex.º sr. José Martins de Pinho, que faz a esta redacção o obsequio de alli receber o dinheiro; e aos nossos dignos assignantes do concelho d'Estarreja pedimos tambem o favor de enviarem o importe das suas assignaturas ao ex.º sr. Antonio Caetano Lopes da Fonseca, que de bom grado recebe essas importancias.

SUBSCRIPÇÃO

A redacção d'este jornal resolvendo tomar a iniciativa da compra de candieiros para a illuminação publica de Angeja cuja falta se revela constantemente por actos inconvenientes e muitas vezes funestos, appella para o patriotismo dos filhos da nossa terra, residentes quer no Brazil quer em Lisboa, ou mesmo em Angeja, afim de que subscrevam para este melhoramento com a quantia que seja permitido ás forças de cada um.

Subscriptores:
A Redacção 45500 reis
Manoel Armenio Rodrigues. 95000 "
Manoel Nogueira da Silva . 25500 "

O porto de Lisboa

Pertence ao «Diario Popular» o artigo que abaixo transcrevemos, relativo á inauguração das obras do porto de Lisboa.

A obra monumental que acaba de ser inaugurada é o resultado, da actividade de alguns homens e por ella cabe merecido elogio a todos os partidos.

São, portanto, justissimos, os louvores á memoria de Antonio Augusto d'Aguiar, que preferiu abandonar a pasta a aceitar o adiamento das obras do porto de Lisboa, e que foi um fervoroso defensor d'essa empresa. Os mesmos louvores cabem tambem á memoria do eminente estadista Fontes Pereira de Mello. E' preciso, porém, que se não esqueça a energia e actividade do actual ministro das obras publicas, sr. Emygdio Navarro, que conseguiu levar á execução em prazo breve o projecto que herdara dos seus antecessores.

Eis o artigo brilhante do nosso confrade lisbonense:

Assistindo, ha pouco, a um banquete, de que foram convivas muitos estrangeiros illustres, brindou o eminente orador Emilio Castelar pelas principaes cidades da Europa: por Londres, cuja industria assombra; Roma, o paraíso das artes; Paris, Sinai da consagração dos direitos do homem; as cidades germanicas, reveladoras da sciencia e do direito; e por Lisboa, que «renovára a lenda dos argonautas, com as suas arriscadas e gloriosas expedições».

Emilio Castelar, que, pelo seu bom criterio, pela sua illustração profunda, consagra á historia de todos os povos o respeito que ella merece, saudou, na sua frase fidalga e sempre correcta, o maior brazão, a honra mais preclara d'este paiz. Bem o sabe elle, que se não podem apagar das paginas da historia os feitos que nos ennobrecem; que jámais se olvidará que os portuguezes, partindo de Lisboa, foram os primeiros a correr mares nunca d'antes navegados, e a abrir caminho, de que nem rastro ou pensamento havia.

Sim, fomos nós que, rompendo mares, descobrimos novos céos, novas regiões, novos climas; e muitos dos nossos pagaram o seu arrojo, ficando insepultos nas praias desertas, ou nas entranhas dos alarves; e muitos nos baixios do Oceano, ou servindo de repasto ás feras insaturáveis.

E' brilhante a nossa historia, sem duvida; e folgamos de que os estrangeiros tenham a mais completa noção d'ella. E' nos grato recordar sempre que já fomos grandes, poderosos, que por toda a parte praticamos actos de heroismo e de virtude: que luctamos, que vencemos e que civilisamos; e que nunca nos intimidou a furia do mar encapellado, nem deixamos de bendizer a patria, ainda nas horas mais angustiosas do perigo que por ella contrastavamos.

As nossas descobertas maritimas produziram grandes revoluções commerciaes em todo mundo; mas, infelizmente, não temos sabido — quem sabe! — não temos podido aproveitar-nos d'essas descobertas.

Fomos senhores do commercio e mares da India, demos leis e ensinamento a todos e veio a politica de Filipe II, seguida depois mais abertamente por Filipe III, causar a primeira e a mais forte ruina do nosso dominio colonial.

Após tantos desastres, provindo uns da má direcção das nossas negociações diplomaticas, e outros de erros muito complexos na nossa politica interna, poderíamos ainda no presente seculo ter melhorado as condições dos nossos portos, pois que dependia d'isso o futuro do nosso commercio externo.

Não o fizemos, e a nossa decadencia colonial começou de resentir-se mais acentuatadamente d'essa incuria, e as nossas relações commerciaes foram esfriando dia a dia.

Hoje, porém, a obra gigantesca do porto de Lisboa faz-nos antever que seremos ainda, como temos direito de ser e como é mister que sejamos, uma nação colonial de primeira ordem; aponta-nos largo horizonte para o nosso commercio, e por ventura para a nossa industria tão descuidada.

Quando Lisboa fôr, como será, o primeiro caes da Europa, e por isso o preferido pela America para desembarcar os seus productos e dilatar mais o seu grande commercio pelos povos do velho mundo, nós havemos de estimular-nos. Fomentando a industria e o commercio das nossas colonias, dando incremento á nossa marinha, tanto de guerra como mercante, não poderemos disputar primazias com aquelle império de riquezas, mas conquistaremos honradamente o logar que nos pertence ao lado das nações civilisadas.

Inauguraram-se hontem as obras do porto de Lisboa, isto é, a aboboda que completará o edificio começado a construir pelos nossos primeiros navegadores. E — singular coincidência! — no mesmo dia deve ter-se realisado a inauguração da nova linha ferrea entre Lourenço Marques e a fronteira do Transvaal. As saudações festivas da metropole corresponde com o mesmo entusiasmo patriótico uma nossa provincia de além-mar.

Alligura-se-nos auspiciosa uma tal coincidência.

Saudemos, pois, Lisboa, a formosa rainha do Tejo; saudemos o povo portuguez, sempre bom e sempre nobre; e saudemos o illustrado monarcha, sr. D. Luiz I, que certamente se desvanecerá de que Portugal, no seu feliz reinado, mettesse hombros a uma empresa tão collossal, que sómente ella bastaria para assegurar ao mundo que sabemos ainda respeitar a bandeira que tremulou por mares nunca d'antes navegados!

CHICOTEANDO

DUAS PALAVRAS APENAS

Apraz-nos registar o que o nosso artigo do numero antecedente com a epigraphe d'esta, serviu de correctivo e deitou completamente por terra reduzindo a pó, todo o castellino de improprios e falsidades que o sr. «Livio de Dejalma» contruiu o nosso respeito, na «Voz d'Estarreja».

No seu artigo contra nós apresentava por uma linguagem infecta coisas pueris e affirmativas ousadas com uma falta de senso extraordinaria, promettendo fazer *muchas cosas más*, se lhe dessemos enesejo, queria dizer talvez, se tentasse mos contra a sua obra. Pois bem.

Em o nosso artigo antecedente destruímos-lhe todos os argumentos e intimamos-o a justificar e concretisar as affirmativas que imprudentemente avançara e qual foi a nossa surpresa, espanto até, ao ver na «Vóz» um communicado em que o sr. «Livio Dejalma» (ou alguém por elle) declara por uns palavrados soltos e sem nexos

a questão sujeitos que se retira do campo para onde nos provocara sem nos ter contradito nenhuma da nossa argumentação nem justificado as suas primitivas asserções!! Conhecem o seu erro, penetenciou-se e calou-se.

N'isso merece o nosso louvor, porque era o unico caminho que tinha na sua frente. Mas censuramos-o por ter escolhido um terreno tão falso para atacar-nos.

Oxalá a nossa lição lhe seja duradoura e de futuro lhe evite ter outra vez de engulir publicamente tudo quanto disser, obrigando-o a passar por um ridiculo e rebaixe igual a este.

Tratamos-o agora com a benevolencia propria de quem se refere a um pobre de espirito escrevendo tolices para os papois.

Correspondencias

Aveiro, 8 de novembro de 1887

(Do nosso corresp. n'aquella cidade)

Depois de tres dias d'impetuosas chuvas que tornavam as ruas d'esta cidade intranstitaveis, appareceu o rei dos astros magistoso e grave, espriando sua cabelleira d'ouro em ondulações de luz, e espargindo raios d'uma temperatura suave e calma. Na amplidão celeste revolviavam-se em cortejo pequeninas nuvens transparentes, fugitivas que se iam esconder no profundo azul do ceu; e a branda aragem, que agitava levemente as perfumadas petalias das flores emurechidas do outono, impellia carinhosa as desditosas folhas que rolavam pelo chão. Tem sido esta a melhor epocha do anno, em que o vento norte deixa dispor a n'esta cidade dias mansos como as pombas, suaves como os amores, alegres como rouxinolos ao cantar das alvoradas. E as bellas tricaninhas não são indifferentes a tão delectivos dias; miram se no toucador e vem garbosas para a rua trocar olhares de ternura, provocando em sorrisos suspiros aos *padecentes* que gosam da vida airada.

Deixemos passar incolumes esses amadores apaixonados de Venus, que, depois de pagar caro o tributo de sua idade, tomarão a virtude por leme das acções da vida, e passemos a dar aos nossos amáveis leitores uma leve e pallida descripção dos acontecimentos da semana.

Foi julgado em audiencia geral do dia 4 do corrente, João Cordeiro, do logar da Gafanha, accusado pelo crime de offensas corporaes; foi advogado de defeza o inclito deputado do circulo d'Ovar, dr. Barbosa de Magalhães, que mostrou com a sua costumada e vigorosissima eloquencia a inculpabilidade do reu e o jury deu o crime por não provado.

Na sexta-feira foi atropellada por um carro de bois uma creança que brincava no largo do Cojo. A mãe até então descuidada irrompeu em altos gritos afflictivos, attrahindo ao local grande concurso de povo.

Appareceu um cabo de policia que fez conduzir o carreiro á esquadra.

Felizmente a creancinha não soffreu graves contusões.

Esperamos que brevemente venha tomar posse do logar de commissario de policia d'esta cidade o ex.º sr. Manoel Au

gusto Pinto Victor, cavalheiro incansavel nos deveres do seu cargo que exerceu com muita illustração, probidade e competencia na cidade de Beja.

Folgamos em receber a boa nova da sua transigencia porque estamos certos de que s. ex.^a virá mostrar aos aveirenses o seu espirito esclarecido e justiceiro, acompanhado de excellentes qualidades que o tornam digno da maior sympathia.

D'aqui lhe enviamos as nossas cordeas felicitações.

—Agrada-nos fazer publico o grande numero de estudantes que este anno frequentam o Collegio Aveirense, do qual é muito digno director o ex.^{mo} sr. dr. Antonio José Rodrigues Soares, benemerito cidadão, infatigavel, zeloso e que pelas suas virtudes e provada illustração tem conquistado a maior estima de todas as pessoas que bem conhecem o seu caracter honradissimo.

Acham-se já matriculados n'este estabelecimento de educação 104 alumnos. Esta frequencia é o bastante para se avaliar com quanta solicitude se desempenha o pessoal encarregado da vigilancia, boa ordem e disciplina que se encontra n'esta casa d'instrução.

Recommendamos pois que visitem o Collegio Aveirense as familias que desejarem educar bem seus filhos.

—Partiu já para Lisboa o insigne deputado da Nação portugueza, Francisco de Castro Mattoso. S. ex.^a foi visitado por muitos dos seus amigos durante a sua estada na formosa quinta da Oliveirinha.

—O dia de sabbado apresenton-se muito chuvoso e triste. Toda a noite cahiu grande peso d'agua e por esse motivo se não pode andar pelas ruas da cidade com a lama que tem.

O dia de hoje está mais desanuviado ainda que d'aspecto melancholico.

P.

Estarreja, 7 de novembro de 1887

Corriam os dias muito quentes e por vezes ventosos, em virtude do que, os prados, de verdes, passaram a escuros. A' vista de tal sécca justamente no decurso da estação chuvosa, receava o lavrador que faltassem as pastagens para a alimentação do gado que já se ia contentando só com a palha secca do milho, dando-lhe apenas, de longe em longe, para desopilante, uma amostra,—só uma amostra das hervas dos ribeiros. Kra uma fome em perspectiva, porque os *animas* são muitos por esse mundo fóra e as pastagens, de tanta sêde, não saiam da terra ressequida;—eis senão quando, tolda-se o azul e, sem que fosse precedida de notaveis convulsões atmosphericas, uma chuva meuda cae durante alguns dias por sobre a terra soffrega de humidade. Os prados reverdecem, notando-se-lhes dia a dia um rapido crescimento. Emfim, o lavrador está contente, e é muito provavel que o gado não o esteja menos...

E' pois certo que o inverno chegou com os seus dias tristes e pequeninos. Traz ainda comsigo, pelo que vejo, a chuva, o vento e o frio do costume. Ai, o frio, o frio! Dá-me vontade de o abraçar e, em seguida, traço-eiramente, assassinal-o! Porque eu, mandando-o para os anjinhos, mesmo traço-eiramente, escusava de algum dia *morrer de frio*... Por outro lado, não desgosto d'elle, porque, segundo a opinião de abalisados gastrónomos (opinião que eu acato e respeito...), o frio facilita as digestões e abre o appetite. Effectivamente, o pouco que este inverno trouxe, abriu-me o appetite de rabiscar uma *correspondencia*, mesmo sem assumpto! Já é. O que eu estou para ver é se ha algum leitor a quem ella cause indigestão.

Era o que faltava...

—A chuva tem encharcado todos os caminhos, todas as estradas. Uma grande parte da praça d'esta villa, por exemplo, ameaça transformar-se em um perigoso pantano. Dizem-me, que a camara teria já calcetado a mesma praça se não achasse conveniente fazer no mesmo local, antes d'este ou ao mesmo tempo que este, outros melhoramentos.

Por ora, não acho razão para censurar a camara. Tem ella cumprido honradamente o seu dever, satisfazendo promptamen-

te as justas exigencias d'alguns queixosos que reclamavam composturas de caminhos até ahí intransitaveis. Estas composturas, algumas notaveis, teem-se feito aproveitando o serviço pessoal, ao mesmo tempo que se tem ido amortizando a importante divida contrahida no tempo da camara regeneradora. E' á extraordinaria actividade e lucida intelligencia do seu ex.^{mo} presidente, que se deve tão sabia administração.

—Tem estado gravemente doente o rev. Antonio Baeta da Costa, muito digno e zeloso prior da freguezia de Salreu. Não são agradaveis as ultimas noticias que tenho do bondoso enfermo.

Desejo-lhe ardentemente as mais rapidas melhoras.

—Como não sei de mais noticia alguma e a massada já não vae pequena, ponho ponto até qualquer dia.

T.

Noticiario

Eleição do juiz de paz e substitutos em Angeja.—Ficou eleito juiz o sr. João Maio e substitutos os sr.s.: Manoel Teixeira e Francisco Antonio Nogueira Souto.

O Secretario, como estava determinado é o sr. Antonio Rodrigues Castanheira.

Como sabem este julgado comprehende Angeja e Frossos.

Assistiram á eleição os ex.^{mos} sr.s. Bernardino M. de Albuquerque, dr. Joaquim A. d'Almeida Miranda, presidente da camara e administrador do concelho. No fim da eleição foram levantados muitos vivas ao partido progressista e aos sr.s. Francisco e Augusto de Castro.

Incommodo.—Tem passado bastante incommodado em Angeja o sr. João da Silva Maio. Sentimos os seus incommodos e desejamos o seu restabelecimento.

Despacho.—Foi despachado para guarda rio, nas proximidades de Angeja, o sr. João Martins de Pinho Junior, irmão dos nossos amigos padre Manoel e José Martins de Pinho. A todos elles as nossas felicitações.

Casa de Correção.—Está incumbido pelo governo, o ex.^{mo} sr. dr. Augusto de Castro, de elaborar o projecto para a fundação d'este importante melhoramento que um breve o Porto vae possuir e que da iniciativa d'este mesmo senhor e do ministro da justiça,

Governador civil do Porto.—Está nomeado para este cargo o sr. Costa e Almeida. Administrador do Bairro Occidental o sr. Mendes de Araujo.

Commissario de polleia em Aveiro.—Foi ultimamente transferido de Beja para Aveiro o commissario de polleia sr. Manoel Augusto Santos Victor que n'aquella cidade exerceu este cargo com distincção segundo nos consta. Felicítamos s. exc.^a bem como os aveirenses pelo bom empregado que vão ter.

«O Zirro».—Assim se intitula um jornal satyrico e litterario que começou a publicar-se em Guimarães.

Quadrilha de ladrões.—Durante a penultima semana os ladrões tentam arrombar a igreja de Santa Marinha na Portella, concelho de Famalicão, o que não levaram a effeito por sentirem rumor d'uma casa proxima.

Fugiram em direcção a Braga, e no caminho assaltaram a igreja de Guisande, a capella do Padrão, nichos d'almas á Cabrainha, e algumas casas particulares.

Livraria Civilisação.—A importante casa editora do sr. Costa Santos, no Porto, vae publicar uma compilação alfabética dos regulamentos das contribuições das rendas de casas e decimas de jurros. A compilação é feita pelo digno escrivão de fazenda da Povoia de Varzim, sr. Espinho.

Ramal de Vizeu.—Vão principiar as obras de construção do caminho de ferro de Santa Comba Dão a Vizeu, para o que já chegou áquella estação muito material.

Febres.—Estão grassando em Guimarães as febres typhoides.

Visita prelaticia.—E' no dia 11 do corrente que chega á cidade de Guimarães, na sua visita pastoral, o sr. arcebispo-primaz.

S. ex.^a hospedar-se-ha em casa do sr. conde de Margaride.

Nas Caldas das Taipas será esperado pelas auctoridades civis e ecclesiasticas, que o acompanharão até Guimarães, onde entrará sob cruz alçada, precedido de duas bandas de musica.

Chegando á igreja da Misericordia, revestir-se-ha com os paramentos prelatícios e irá debaixo do pallio, orar á igreja de Nossa Senhora da Oliveira.

Na rua da Rainha todas as corporações religiosas formarão em alas, na occasião da passagem de s. ex.^a

No templo de S. Francisco, que vae ser benzido pelo prelado, haverá pontifical, e será ministrado o sacramento de confirmação.

Guimarães promove-lhe uma brilhante recepção e pomposas festas durante a sua demora n'aquella cidade.

Morte d'um aeronauta portuguez.—Morreu nos Estados-Unidos, durante uma das suas ascensões, o notavel aeronauta portuguez, Antonio Infante. O desventurado contava apenas 25 annos d'idade.

Cahiu, á altura de quinhentos metros, sobre uma haste de ferro; foi empalado.

Antonio Infante estava aparentado com a familia Guedes Infante, do Porto, a quem enviamos a expressão do nosso pezame.

Caricelosas.—O sr. Eugenio de Castro vae publicar, com este titulo, um volume de versos.

A mulher.—Solteira é uma flor; casada, uma semente; viuva, uma planta abandonada; freira, um cogumelo da humidade; irmã da caridade, uma planta medicinal; e solteirona, uma enredadóra. Como solteira, á um problema; como casada, um premio; como irmã, uma causa; como mãe, um anjo; como amante, um luxo; como sogra, um demonio; como madrastra, um inferno.

Bonita, é um anjo; feia, uma nuvem. Morena, é uma virgem; loira, um anjo. Casta, é um altar; pura, uma imagem; vaidosa, é um engano; humilde, é um achado.

Ciumenta, um cilicio; amante, um eden; presumida, um perigo; modesta, uma sorte.

Economica, uma fortuna; gastadora, o maior castigo que Deus póde impór a um homem, dando-lb'a como companheira.

A mulher para o homem é: o trabalho e desvelo, o valor e a força, a honra e a fortuna, o pensamento e a alma... emfim, a mulher foi quem ensinou o homem a amar e a odiar, a lutar e vencer, a trabalhar e soffrer, pensar e conseguir, a crear e matar, e a viver e morrer resignado com a sorte que lhe cabe no planeta terra.

Livraria Archivo Juridico.—D'esta notavel livraria recebemos o volume XXXVI do Archivico Juridico, periodico de noticias judicarias e legislação do maior interesse. Recebemos tambem da mesma casa editora a «Independencia do poder judicial».

Agradecemos. Vêr o annuncio.

Escolas de lacticinios.—O sr. ministro das obras publicas mandou crear escolas de lacticinios, nas quaes se ensinam os melhores processos de fabrico do queijo e manteiga.

O nobre ministro presta um excellentes serviço ao paiz. Cria uma fonte de riqueza e preserva-nos d'essas manteigas e queijos de nomes exquesitos que nos dão cabo do estomago e da bolsa.

O sabio Antonio Augusto d'Aguilar e o Patriarcha.—Dezesseis parochos do arciprestado de Alcobaca, incluindo o sr. prior dos Anjos, de Lisboa, o regedor e o professor primario, enviaram uma felicitação ao sr. patriarcha «pela sua gloriosa firmesa em affrontar as iras dos inimigos da relegião». E dizem que estamos no seculo das luzes!

El-rei e Martins Sarmento.—Na occasião em que SS. MM. e AA. regressavam a Lisboa depois de visitar o norte do reino, el-rei fallou na Trofa com o illustre vimaranense sr. dr. Francisco Martins Sarmento, dizendo-lhe que estimava conhecê-lo, e que sentiu não o ver em Guimarães, porque desejava fallar-lhe e conversar com elle.

O nosso monarcha, que é muito illustrado, sabe apreciar os homens sabios como é sem duvida o sr. dr. Francisco Martins de Moraes Sarmento.

«Gazeta de Portugal».—En cetou se em Lisboa a publicação do orgão official do partido serpaceo,—a «Gazeta de Portugal», dirigida e redigida pelo proprio chefe d'aquelle partido, o sr. conselheiro Antonio de Serpa.

Destacamos do artigo-programma: «A politica que procuramos sustentar é a politica larga, liberal e tolerante, inaugurada ha trinta e seis annos pelo partido regedor, politica pratica, de ordem e de progresso, de evolução e de opportunidade.

Não nos dirigimos exclusivamente aos nossos correligionarios, que não precisam de ser catequisados nem avigorados na sua fé partidaria. Dirigimo-nos principalmente á grande massa dos cidadãos, a quem o trabalho e as occupações da sua vida quotidiana não deixam tempo de sobra para tomar parte activa e constante nas disputas partidarias, mas que não são nem pódem ser indifferentes á politica, ao modo como é regida a sociedade, aos principios e ás praticas que prevalecem na governação do estado, estão ligados os interesses da nação e de cada um dos seus membros.

Discutiremos os problemas de administração e de economia publica, as necessidades e conveniencias do paiz, e os actos do governo, procurando fazê-lo com razões e não com invectivas, com imparcialidade e franqueza, e não com acinte partidario, occupando-nos mais das cousas do que das pessoas.

Seremos partidarios infatigaveis, como somos convictos; mas poremos sempre acima dos interesses do partido os interesses da patria».

Os nossos cumprimentos ao collega.

A formosura da mulher.—Vinte e sete cousas são precisas á mulher para ser completamente formosa:

- 1.^a—Tres cousas brancas: a pelle, os dentes e as mãos.
- 2.^a—Tres pretas: os olhos, as sobran-celhas e as pestanas.
- 3.^a—Tres côr de rosa: os beiços, as faces e as unhas.
- 4.^a—Tres compridas: o corpo, os cabellos e as mãos.
- 5.^a—Tres curtas: os dentes, as orelhas e os pés.
- 6.^a—Tres largas: o peito, o seio e a fronte.
- 7.^a—Tres pequenas: o nariz, a cabeça e a bocca.
- 8.^a—Tres delgadas: os dedos, os cabellos e os beiços.
- 9.^a—Tres estreitas: a cintura; a entrada do pé e o joelho.

Na Penha.—Tendo terminado o praso em que o respectivo empreiteiro se obrigou a dar prompto e acabado o lanço do escadorio em construção na Penha, em Guimarães, e estando as obras ainda bastante longe da conclusão, a commissão de melhoramentos vae proceder energicamente contra o mesmo empreiteiro.

Brevemente vae ser posto em praça um outro lanço do escadorio.

SCIENCIAS E LETTRAS

TU E EU

A perola nasceu no fundo do oceano,
A violeta azul sobre o rochedo nu,
Nas nuvens côr de opala a gôta de sereno
E nos meus sonhos—tu.

A perola morreu no regio diadema,
Em vaso primoroso a flor, que emurcheceu,
Em lucido vapor a gôta do sereno...
E em tua lembrança — eu!

BALLADA

No abysmo da realidade,
—profundo mar de afflicções—
caem nossas illusões,
envolvidas na saudade,
—mortalha dos corações
no abysmo da realidade.

Nasce depois a descrença,
—velho cypreste medonho—
envolvendo cada sonho
n'uma sombra escura e densa...
Passado o tempo risonho,
nasce depois a Descrença!

O bando dos desenganos,
com seu manto de tristeza,
augmenta a rude aspereza
da nossa estrada d'enganos,
e lança n'alma a frieza,
o bando dos desenganos.

Surge, enfim, o anjo da Morte,
que os infelizes consola,
concedendo-lhes a esmola
de os livrar da negra Sorte,
que a essencia da vida estiola!
—Surge, enfim, o anjo da Morte...

Outubro—1887.

Silva Ferraz.

TU E EU

(J. PEREZ)

A' ex.^{ma} snr.^a D. Adelaide Sophia de Souza Bacellar

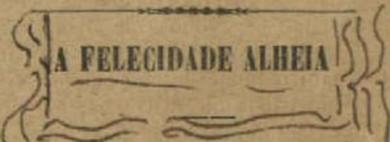
Eu sou languida violeta
que chora buscando calma;
Tu és a palmeira inquieta
que abrigo presta á minh'alma.

A lymphá doce sou eu,
que murmurante suspira;
tu és um astro do ceu,
que nos seus crystaes se mira.
Eu sou incerta penumbra
que o horisonte escurece;
tu és o sol que deslumbra,
e vivifica e enaltece.

Eu, triste e penando vivo;
tu trilhas senda doirada!
Tu és o condão altivo,
e eu a ave abandonada.

Foz do Douro, setembro de 1887.

Daniel d'Abreu Junior.



Parece-nos verdadeira a felicidade dos outros, é por isso que a cobçamos!
D'uma vez lá n'um longiquo paiz onde as fadas ainda dançam á claridade das estrellas, no cerrado dos bosques, um po-

bre diabo, esfarrapado, velho e feio, meio parvo,—um triste mendigo de portas— viu um fidalgo entrar para um palacio. Ora, esse fidalgo ia vestido de brocado de oiro,—porque mais rico do que elle não havia ninguem, e as paredes de marmore côr de rosa incrustadas de pedras preciosas, rutilavam ao sol.

E aquelle pobre diabo pensou que seria muito feliz se estivesse no logar d'aquelle homem riquissimo, e como ao passar pela estrada, um momento antes, uma fada o presenteára com um talisman bastou-lhe formular esse desejo, para que o visse immediatamente satisfeito. Mas, passados poucos dias, andava em tamanho tormento com medo que os ladrões o conhecessem, tão desassocegado com a gatunice dos criados e as intrujices dos herdeiros, que começou a julgar-se o ente mais infeliz do mundo todo.

Andava elle a passeiar os seus cuidados por uma rua do bosque, quando avistou um rapaz e uma rapariga, nova e bonita, de mãos dadas, segredando um com o outro, fazendo mil protestos de amor, e trahindo no olhar uma infinita felicidade. «Ái, que se eu estivesse no logar d'este rapaz, que anda a passeiar com essa adonivel rapariga, penso elle, parece-me que não desejava mais nada.»

E logo, em virtude do seu talisman, operou-se a desejada transformação.

Mas, passadas algumas senanas, a amante trahia o, viu a sorrir-se para outros com esses labios e esses olhos que elle julgára tão siuceros; acabou por reconhecer que não podia haver infortunio que igualasse o seu. Profundamente desesperado deixou esses campos, onde amára a perfida, que já lhe não tinha amor, e, chegado que foi a uma grande cidade, viu um concurso immenso de povo. Tudo eram gritos de alegria, canticos de festa.

Festejava-se a gloria d'um guerreiro, que entrava na cidade á frente d'um exercito vencedor; a physionomia do general resplandecia de orgulho illuminada pelos estandartes victoriosos.

«Não pôde haver alegria superior á do guerreiro, que um povo em peso aclama.»

E servindo-se mais uma vez do precioso talisman, transformou-se n'este vencedor carregado de glorias. Mas, passados mezes, tudo eram invejas e calumnias; tudo era denegrir as suas façanhas, negar os seus brilhantes feitos de armas; oppozeram-lhe rivaes tão indignos, que começou a detestar a gloria e os estandartes!

Acommetten o uma profunda melancolia.

Ao arravessar um campo de batalha juncado de mortos, chamou-lhe a attenção um cadaver, o cadaver d'um rapaz de muito poucos annos, quinze talvez, talvez menos ainda, uma creança.

Matara-o uma bala, antes que podesse conhecer os mentirosos prazeres e as verdadeiras tristezas da vida. Havia como que um infinito contentamento n'aquelle physionomia do morto, meiga e pallida, de olhos cheios de pureza, com um sorriso que ainda se esboçava na bocca. Foi então, que esse, que fôra um poderoso fidalgo, um amante apaixonado, um guerreiro coberto de gloria, invejou esse cadaver, e, como o talisman conservasse ainda toda a sua magia, bem depressa se transformou n'esse involucro de creança morta. E pela primeira vez, não se arrependeu da troca.

Catulle Mendès.

UM CONTRATEMPO

Uma noite esplendida. A lua, a formosa cynthia, espriava-se risonha, no azul do infinito, illuminando brandamente a natureza luxuriante.—Comtudo um frio agudo como pontas de bisturis, penetrando aavez de tudo, convidava-nos a envolver os nossos pescoços e as nossas orelhas roxas n'um manto felpudo de viagem.

Seguia d'Aveiro para o Porto no comboyo das 9 da noite. No wagon em que eu ia, tinha por companheiro, uma senhora

da qual não podia distinguir o rosto, porque um escuro veu o envolvia.

Áo principio tendo em que entreter a imaginação, lia o «Diario de Noticias», não dando importancia á pessoa que estava vis-à-vis, mas logo que o ultimo annuncio terminava, toda a minha attenção se fixou na joven.

Dentro do compartimento havia como que uns effluvios quentes que fez levantar o veu á minha companheira.—Era formosa; e para pintal-a seria preciso pedir ao sol um dos seus discos d'oiro, para os seus cabellos, ao infinito azul, a côr para os seus olhos e ao luar a sua meiguice para pintar essa expressão dulcissima que havia no seu rosto.

Por casualidade tinha comprado um pipito d'ovos molles d'Aveiro, e como tinha algum appetite envolvi em pequenas tiras de pão hespanhol aquelle doce quasi fluido. Offereci-lhe, calculadamente, para pé de conversa, como vulgarmente se diz, o que ella recusou. A mão fina e aristocrata, segurava um bouquet de rosas chá, do qual immanava uma fragrancia doce, que dulcificando a pituitaria, fazia-me sonhar muito, muito...

Os meus olhos como que cansados fixavam-se sem expressão nos d'ella, brilhantes como duas saphiras sob um fundo escuro.

Tinha finalmente encontrado o meu primeiro idyllo d'amor. Cheio de timidez, mas animado pela expressão bondosa do seu rosto oval, que parecia acariciar-me, fui-me sentar junto d'ella. Insensivelmente fui fechando os olhos e n'uma voluptuosidade oriental, sonhava voar nas azas das illusões, sobre um colo alabastrino a palpitar de sensações aphodisiacas.

Os meus labios, não sei como procuraram os do anjo de cabellos loiros, os meus braços enlaçaram a pequenina cintura da visão d'olhos azues, a côr cêrula, a côr ideal da esperança... e eu... fui sonhando... sonhando...

*

Algun tempo depois um estremecimento brusco, inesperado, misturado com uma voz rouca, aguardentada veio despertar-me:

—Porto... Porto...

Olhei para o anjo de cabellos loiros, tremulo, quasi a soltoçar, olhar onde ia um saudoso—adeus. E os meus labios ainda se collaram aos d'ella, humidos e vermelhos, como uma roman.

*

O americano corria vertiginoso. Pensava na minha companheira de viagem, e extranhava ao mesmo tempo, todo aquelle conjuncto de bellezas e de facilidades. O conductor apresentou-me um bilhete pelo qual tinha de dar 80 reis. Metti as mãos nas algibeiras, procurei por toda a parte, mas nem bolsa de prata, nem sequer uma moeda de cobre encontrei. O condutor chamou um policia que passava e lá fui eu até á esquadra. Pelo caminho, raciocinei, e vim á conclusão que a joven de cabellos loiros e olhos cêrulos era mais esperta do que eu.—Hoje quando viajo, se por acaso o meu companheiro é uma joven de cabellos loiros e olhos azues, eu vou immediatamente para o outro lado opposto, muito longe, muito longe d'ella.

V. de Vouga.

Luiz Alberto Couceiro.

EMISSARIO FIEL

(A Julio de Barros)

Mandei um dia pelo azul do espaço
Uma pombita ao meu amor gentil,
Que foi lançar contente em seu regaço
Uma canção ao seu ideal perfil.

O meu amor em lubrico cansaço,
Um casto beijo como a luz d'abril
No seu pescoço luzidio d'ago
Lhe deu, receosa, languida, subtil.

Cortando o espaço azul, enorme, a ave Mansa poisou, assim calma e suave Na verdejante e avelludada hera.

Depois saltando, veio receosr,
Dar-me contente, tremula e formasa,
O beijo ideal que o meu amor lhe dera...

«Das Derrocadas, no prélo.»

Vidal Oudinot.

MARIA

Alguem te disse, Maria,
que eu soffria, e tu quizeste
no teu sorriso celeste
dar-me de novo a alegria.

Quasi que hemdigo a dôr
que me aperta o coração,
visto que ella inspira, flôr,
tão doce consolação!

Como a aza leve e frauzina
poisa de manso, poisou
a tua mão pequenina
na minha mão, que a apertou.

E então vi surgir o amor
do fundo dos olhos teus,
como outr'ora o pescador
viu no mar a luz de Deus!

É coisa que faz scismar,
como a tua mão, creança,
ainda pode segurar
minha alma á beira da esp'rança.

Mas o bom Jesus sustem
—como tu meu coração—
o mundo inteiro na mão...
e é creança tambem!

HORAS VAGAS

LOGOGRIPO

Sobre a interessante poesia «O Teu Livro» da Exc.^{ma} Snr.^a D. Isabel Ferreira

OFFERECIDO Á SUA AUCTORA

O teu livro, Maria, a tua vida
Tem o perfume suave d'uma flor 3-2-3-9
Desdobrada no seio d'uma aurora,
Nas regiões chimericas do amor!

Mas não julgues isento de tormentos 5-2-3-7-1-6
O lago chrystalino dos amores;
Ha ondas de revolta tempestade
Que arrebatam as petalas das flores!

Por isso, junto ao livro perfumado
O frio das illusões, terna deidade 4-8-2-8.

«Foge a manhã gentil, descem as sombras,
«E ficam só os cantos da saudade!»

Porto.

Narciso d'Albuquerque.

THEATROS

PORTO

«Baquet» Agradou muito domingo ultimo a engraçada comedia em 1 acto «Sociedade onde a gente se diverte». No desempenho sobresahiram os distinctos actores: Sergio d'Almeida e Augusto de Mello. Annuncia-se para breve os «Dragões de Villar».

«Principe Real» — Realisou-se domingo ultimo n'este theatro a premier da «Lenda do amor molhado», musica do maestro Alves Rente, que conseguiu agradar, sendo muito applaudidos os principaes interpretes. A operetta promete conservar-se em scena por muito tempo.

«Recreios» — Continua em scena o drama «Filho da Noite». N'este theatro anda em ensaios a magica de grande espectaculo do sr. souza Rocha «O anel mysterioso» que será posta em scena brevemente.

N. A.

ANNUNCIOS

A APOTHEOSE

JORNAL UNICO COMMEMORATIVO DA INAUGURAÇÃO DA ESTATUA DE D. AFFONSO HENRIQUES

Edição de luxo. Esta magnifica publicação, sob a direcção litteraria do sr. Domingos Guimarães, encontra-se á venda no Porto, na redacção do «Commercio Portuguez» e livraria Lello; em Guimarães, em casa do sr. Domingos Fernandes Guimarães, 70, Toural.

Envia-se a quem mandar a importancia — 120 reis — em estampilhas.

Adubo mineral, agricola e anti-phyloxerico

Este adubo tem grande riqueza em carbone, cal, soda, potassa e aluminio, acompanhada de pirites, as quaes tem a propriedade de decompor-se na humidade, formando o sulphureto de carbone natural, sufficientemente conhecido, como remedio anti-phyloxerico, tendo além d'isso a propriedade de ser um adubo agricola, desenvolvendo admiravelmente as videiras em especial e em geral todas as plantas. Deposito geral, rua Nova de S. Domingos n.º 105.

NOVO ALMANACH PORTUENSE PARA 1888

A' venda, no fim do mez, em todas as livrarias do Porto e provincias. Pedidos para a rua do Loureiro, 58—Porto.

VIOLETAS

Está no prelo este livro de sonetos de Manoel de Moura. O seu custo é de 400 réis. Pedidos á administração da «Gazeta Moderna».

INDEPENDENCIA

DO PODER JUDICIAL

Com apreciação dos pontos correlativos da proposta de organização judiciaria, apresentada em sessão da camara dos snrs. deputados de 9 de julho de 1887

UM MAGISTRADO

PREÇO 200 RÉIS

«Livraria Archivo Juridico», de A. G. Vieira Paiva, editor, rua do Bomjardim, 67, Porto.

CONTRA A DEBILIDADE

Farinha peitoral ferruginosa da Pharmacia Franco em Belem

Precioso alimento reparador, excellente tonico reconstituente; esta farinha, a unica privilegiada e legalmente auctorizada, é muito agradável e utilissima para falta de appetite, doenças de peito, para convalescentes, pessoas idosas, creanças, anemias, em geral para os debilitados, qualquer que seja a causa da debilidade.

VINHO NUTRITIVO DE CARNE

Unico legalmente auctorizado pelo governo, e pela junta de saude publica de Portugal, documentos legalizados pelo consul geral do Imperio do Brazil. É muito util na convalescença de todas as doenças; aug menta consideravelmente as forças aos individuos debilitados, e excita o appetite de um modo extraordinario. Um calice d'este vinho, representa um bom bife. Acha-se á venda na Pharmacia Franco, em Belem e nas principaes pharmacias.

CONTRA A TOSSE

XAROPE PEITORAL — JAMES

Unico legalmente auctorizado pelo Conselho de Saude Publica de Portugal, ensaiado e approved nos hospitaes. Cada frasco está acompanhado de um impresso com as observações dos principaes medicos de Lisboa, reconhecidas pelos consules do Brazil. Vende-se na Pharmacia Franco em Belem e nas principaes pharmacias.

PHARMACIA E DROGARIA MEDICINAL

DE

FERREIRA & IRMÃO

77, RUA DA BAINHARIA, 79 (3.ª casa acima da esquina da Ponte Nova)

PORTO

DROGAS MEDICINAES, PRODUCTOS CHIMICOS, PHARMACEUTICOS E PHOTOGRAPHICOS

Collecção completa dos granulos dosimetricos de Burggraefe, sedlitz Chanteand e outros productos comprados na casa do auctor. Fabrico de chocolates restaurantes e medicinaes. Especialidades annunciadas nos jornaes e todas aquellas até agora conhecidas na therapeutica. Vaccina ingleza, tinturas para o cabello, copos de quassia. Extracto de carne de Liebig. Ferros e instrumentos cirurgicos, avulso e em estojos para preço desde 3\$000 a 30\$000, podendo modicar-se os estojos á vontade em quantidade de ferros e preço, caixas d'autopsia, amputações, uretrotomias molestias d'olhos, e para extrahir os dentes. Forceps, especulns variados, aparelhos d'Esmarch, machinas e escovas electricas, larygoscopios, seringas para injeções subcutaneas, termometros clinicos, stetoscopios etc., etc. e estojos vasios. Aparelhos cirurgicos em geral como: algalias, velinhas de prata, estanho, gomma elastica, forma variada. Fundas direitas, esquerdas, de todos os systemas até hoje conhecidos, simples e duplas, para homem, mulher e creanças: ditas sem mola especiaes para creanças 2 mezes a 6 annos. Cintos elasticos para comprimir o ventre, ditos e fundas para rupturas no umbigo de creanças e adultos. Almofadas d'ar para doentes, tubos alimentadores para os ó meismos. Meias elasticas de linho, algodão e sêda, compé e sem pé até ao joelho, cxa e veriha, e em peças isoladas. Suspensorios para os escrotos, escudos e espheras para fonticulos; urinoes de diversas formas; bonets para gélo, passarios de forma variada e ventosas aspiradoras, etc., etc. Seringas de todos os systemas conhecidos, e borracha para injeções e clysteres, da capacidade desde 12 a 1:000 grammas. Seringas e borrachas com canulas para lavatorios vaginaes. Pu-erisadores para pós e liquidos. Fios de linho; esponjas; ligaduras de tecido elastico; pinceis rectos e curvos articulados com esponja para a garganta. Mamadeiras e bombas para extrahir leite, ditas para collocar nos peitos, tetas e syphões de fórmias muito variadas. Tubos elasticos de diametro desde 4 millimetro a 12 centimetros; dito furado para esgoto de tumores, etc. Thermometros para o tempo e para banhos, areo- metros, alcoometros, densimetros pesa-mostos, barometros, microscopios, e lentes, almofarizes e capsulas de porcella, alampadas a alcool, retortas, balões tubos de vidro, frascos tubolados, provetas, copos graduados e aparelhos para limonadas gazozas.

Vendas por junto e a retalho

Porto—Typographia da Empreza Litteraria e Typographica, rua do Almada, 348.

AGENCIA COMMERCIAL NO PORTO

PROPRIETARIOS

MAYA & C.ª

GERENTE

José Antonio Pereira Maya

81, Rua de Bellomonte, 83

PORTO

Encarrega-se da collocação de capitaes. Compra e venda de predios, e de papeis de credito; emprestimos sobre hypothecas. Encarrega-se da cobrança de dividas, tanto n'esta cidade como fóra do Porto. Liquidam-se heranças, trata-se de inventarios, justificações, habilitações, execuções, embargos, arrestos, recursos de recrutamento, appellações, aggravos, e recursos de revista, e de todas as acções commerciaes, civeis ou criminaes; e solicitam-se todos os negocios forenses e de justiça, e dependencias de todos os tribunaes, repartições e secretarias do Porto e Lisboa.

DEPOSITO DE VINHOS DO PORTO

CASA DE VILLAR D'ALLEN

237, Rua de Sá da Bandeira, 239

VINHOS DE DIFFERENTES IDADES

300, 400, 500, 600 e 700 réis a garrafa

VINHOS DE COLHEITAS ESPECIAES

800, 900, 1\$000, 1\$200, 1\$500, 1\$800, 2\$000 e 3\$800 a garrafa

MALVAZIA, MOSCATEL, BASTARDO E MOURISCO

Douro Clarete, 160 réis a garrafa

OS PREÇOS SUPRA INCLUEM A GARRAFA

VINHOS DA UNIÃO VINICOLA PORTUGUEZA

Douro, sobremeza.....	(garrafa) réis	220
Douro, sobremeza, secco.....	»	200
Douro, meza, claro.....	»	160
Douro, meza, secco.....	»	140
Douro, natural.....	»	100
Vinho alimentar.....	»	80
Minho clarete.....	»	80

PREÇO SEM GARRAFA

237—Rua do Sá da Bandeira—239